

Não há outro caminho senão a reconciliação

— opinião de vários cidadãos inquiridos pelo "Notícias"

Mantêm-se bem vivas as esperanças dos moçambicanos de que a assinatura do acordo geral de paz, que pode ter lugar hoje, venha a trazer a estabilidade e tranquilidade tão desejadas por todos nós. A assinatura do referido documento, de grande importância para a vida de um país como o nosso, tão dilacerado por uma guerra fratricida, vai exigir de todos os moçambicanos um processo de reconciliação.

Julgo que o dia da assinatura do acordo vai ser muito importante para o povo moçambicano, porque é o dia que vai marcar o reencontro entre irmãos e entre famílias que, durante longo tempo, viveram em separado, devido à guerra" — assim começou Valentim Daniel, jornalista Delegado da Rádio Moçambique na Beira, o qual sublinhou ainda que "penso que o sucesso da assinatura depende de como cada moçambicano vai encará-la, podendo significar a paz ou eclosão de uma outra guerra, pois fala-se e é de conhecimento público que existem muitas armas descontroladas e que estão em poder de uma força que muita das vezes diz-se "não identificada". É necessário que estas forças sejam enfrentadas, desactivadas, combatidas, além de que muitas vias no interior estão minadas. Contudo, julgo que o sucesso da assinatura do acordo de paz vai igualmente depender da própria atitude do povo moçambicano, incluindo a comunidade internacional, entre a qual a ONU. Por outro lado, depois da paz teremos um problema pontual: meios financeiros para a reconstrução nacional e, aqui, sou de opinião que teremos que nos sacrificar, de novo, para levarmos a cabo os trabalhos de recuperação em todo o país, o qual, em muitos sítios de todas as províncias está em ruína, com uma economia abaixo do zero".

Um outro cidadão por nós contactado disse chamar-se Zezinho de Marmanelo, natural e residente

em Quelimane, o qual afirmou estar satisfeito com a assinatura do acordo de paz: "...somentemente tenho a agradecer à Frelimo e à Renamo pelo entendimento comum para se pôr termo à guerra. O povo está a sofrer devido a esta guerra. Depois do colonialismo português ter sido derrotado, foi a vez da Renamo contra o mesmo povo que acabava de se libertar das mãos opressoras. Mas, julgo que tanto o Governo como a Renamo devem ter em atenção os partidos emergentes, porque muitos destes são oportunistas, esperando sempre pelos momentos bons, pois, após a independência, quase todos os seus dirigentes fugiram para o exterior e só mais tarde é que se mostraram como moçambicanos".

Teresa Chuva, membro da Polícia Popular de Moçambique, afecta na delegação da TVE, na Beira, disse-nos: "estou satisfeita que o Governo e a Renamo tenham alcançado um entendimento para pôr termo à guerra que já causou luto em milhares de pessoas inocentes, deixou milhares de crianças órfãs e originou a destruição de muitas infra-estruturas sócio-económicas que nos vai levar tempo e sacrifício para reconstruí-las".

Entretanto, Gilberto Faria, Presidente da Associação Comercial da Beira e Director-Geral da Celmoque, pronunciou-se sobre o assunto com a seguinte reflexão:

"Quem não deseja e ama a paz? Qual o ser humano que não queira a paz, o bem-estar, o progresso? A resposta é mais do que óbvia. E nós

moçambicanos merecemos há muito a paz. Mas que seja uma paz durável, para que seja possível levantar a economia, hoje abaixo do zero. Com a paz, que acredito seja rubricada hoje ou nos dias imediatos (estou certo de que todo o mundo vai ajudar-nos para que os últimos obstáculos sejam ultrapassados), esperamos que, na esfera económica, a paz traga finalmente a possibilidade de relançarmos, numa perspectiva abrangente, lúcida, realista, nacional, o desenvolvimento sócio-económico. Isto trará, a médio prazo, a prosperidade e progresso, pois o país é potencialmente muito rico. Tão tico que é possível que todos os moçambicanos tenham acesso à Educação, ao pão, ao trabalho, em liberdade, amando e usufruindo essa liberdade. É fundamental, também, que os agentes económicos, com apoio da banca, e de outras instituições financeiras nacionais e estrangeiras, ajudem-nos a alcançar a prosperidade. Entretanto, é preciso, de imediato, apoiar em massa as populações que estão a viver sob condições terríveis, entre a vida e a morte, por causa da fome e da doença. Olhando para o futuro do

empresariado, penso que é vital apoiar o empresário nacional e descentralizar e desburocratizar o sistema, de modo a que as preocupações legítimas da comunidade empresarial tenham respostas rápidas. Na área da reconstrução é preciso notar que há programas especificamente da responsabilidade do Estado, nomeadamente a reabilitação das infra-estruturas básicas, vias de transporte e saneamento, entre outras. Depois, a rede comercial deve ser reerguida a curto prazo e estendida a todos os pontos do país, a começar pelas zonas rurais. Além disso, é fundamental apostar, desde já, no desenvolvimento harmonioso, moderno, da agricultura e da indústria".

"Pessoalmente, camponês que sou, pai de muitos filhos, gostaria de após a assinatura do acordo geral e efectivo de paz abrir uma machamba algures neste vasto território moçambicano, como forma de aliviar o alto custo de vida das cidades, onde não é possível viver folgado com um agregado familiar numeroso" — disse o Secretário provincial da OTM em Nampula, Bernardino Braga.

Diz ainda que o sindicato que dirige naquela região do país não consegue

atingir, como desejaria, as zonas rurais, onde igualmente se encontra parte do operariado nacional e que "com o fim da guerra vai-nos permitir estender as nossas acções a essas regiões".

Enquanto isto, para Carlos Ngoca, professor da Escola Secundária de Nampula, depois da assinatura do acordo geral de paz para o nosso país deve-se dentre outros pontos, priorizar a reconstrução de infra-estruturas sócio-económicas destruídas, particularmente as do campo, onde a guerra efectivamente se fez sentir com intensidade.

"Falando particularmente do meu sector, diria que muitas escolas foram destruídas e muitos camponeses impedidos não só de produzir mas também ver os seus filhos estudar. Espero que com a paz tudo melhore" ... disse a dado passo aquele professor.

"Espero que a guerra termine para retomar a minha actividade comercial que foi grandemente afectada. Quero contribuir para um desenvolvimento acelerado da economia nacional" — disse por seu turno Evans M'pomberá, comerciante com interesses no distrito de Nacaroa, mas actualmente a residir na cidade de Nacala.

Carlos Muchuine, operário da empresa Texmoque, disse à nossa Reportagem em Nampula que se a guerra realmente terminar, vai de imediato regressar para o campo e trabalhar na sua machamba, que foi forçado a abandonar devido às incursões da Renamo. "Eu fazia algo e logo em seguida eles vinham saquear ou destruir o resultado da minha produção. Tive que abandonar..." — concluiu Muchuine.